

SISTEMATIZAÇÃO DE PROCESSOS PARTICIPATIVOS: O CASO DE SANTA CATARINA

Álvaro Afonso Simon¹

SOBRE O USO DO CONCEITO

Percebe-se nas experiências de processos participativos e educativos de extensão rural, uma carência de sistematização dos dados e da recuperação histórica dos processos vividos. Provavelmente, isso se deve a vários motivos, porém, podemos apontar com segurança que o principal deles está ligado à falta ou insuficiência metodológica em relação à sistematização de experiências, o que acaba provocando a perda de dados e possibilidades de comparações que poderiam resultar em subsídios valiosos para as futuras intervenções. Atualmente a extensão rural enfrenta novas perguntas e desafios inéditos cujas respostas não vão surgir de nenhum outro lugar senão da experiência histórica acumulada.

Portanto é lamentável, que ainda não acumulamos as aprendizagens necessárias contidas nas diversas experiências de planejamento participativo e educação popular executados em especial, pela extensão rural catarinense. Deste modo, a sistematização como um exercício rigoroso de aprendizagem e interpretação crítica destes processos vividos, continua como uma atividade pendente, hoje mais do que nunca, se considerarmos a opção do desenvolvimento do meio rural em termos mais sustentáveis.

Sendo assim, fazemos deste texto um alerta para o fato da necessidade de a extensão rural sistematizar suas experiências para postular uma *nova extensão rural*, aquela que impõe consciência sobre a ação e que percebe a sistematização como algo tão importante como o trabalho cotidiano da tarefa educativa ou de animação de processos. Na tentativa de esclarecer algumas ambigüidades sobre o conceito de sistematização vamos descrever, de modo muito rápido, como a extensão rural pode aplicá-la no tratamento qualitativo da realidade rural.

PALAVRAS – CHAVE: sistematização, extensão rural e processos participativos.

¹ Extensionista da Epagri. Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, CP. 502, CEP.8834-901, Florianópolis, SC.

O QUE É SISTEMATIZAR

Quando se fala de *sistematização* estamos nos referindo a experiências práticas concretas, experiências vitais carregadas de uma enorme riqueza acumulada: de elementos, valores e crenças que em cada caso representam processos inéditos e irrepetíveis. Por isso, a necessidade de compreendê-la em toda sua essência e extrair dela seus ensinamentos e comunicá-los, se verdadeiramente quisermos fazer a passagem da extensão convencional para uma extensão mais ecológica que denominaremos aqui de *ecoextensão rural* (Simon, 1995:7). Este é o ponto de partida: apropriar-se da experiência vivida e dar conta dela, compartilhando com os outros o aprendizado, pondo um sentido histórico e contextual aos fatos vivenciados.

Podemos sintetizar o que foi escrito até aqui através do conceito elaborado por Holliday, (1996:14): a sistematização é aquela interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatos que intervieram no dito processo, como se relacionaram entre si e porque o fizeram desse modo. Podemos adicionar, ainda, que a sistematização produz um novo conhecimento, possibilita a generalização, converte a própria experiência em objeto de estudo e de interpretação teórica e, ao mesmo tempo em objeto de transformação. Ao sistematizar as pessoas recuperam de maneira ordenada o que já sabem sobre sua experiência, descobrem o que não sabem sobre ela e o que não sabiam que já sabiam.

PORQUE SISTEMATIZAR

De uma maneira resumida poderíamos, dizer que sistematizar nos possibilita uma compreensão mais profunda das experiências que realizamos, com o fim de melhorar nossa própria prática. Permite ainda, entender porque ocorreu assim e não de outra maneira, entender as relações entre as diferentes etapas de um processo, que elementos foram mais determinantes que outros. A sistematização permite, ao refletir, questionar a própria prática, superar o ativismo, a repetição rotineira de certos procedimentos e a perda de perspectiva em relação ao sentido de nossa prática. Nessa medida, é um bom instrumento para melhorar as formas de intervenção extensionistas no meio rural. Em síntese, o processo de sistematização permite pensar no que se faz, seu produto ajuda a fazer as coisas pensadas.

Não se trata apenas de comparar experiências, mas de compartilhar resultados que surgem das interpretações dos processos, das reflexões coletivas sobre as contribuições e os ensinamentos que se aprendem a partir do que foi vivido por cada um em particular. Isto produz uma *démarche* entre a prática e o aprofundamento teórico, uma troca de saberes radicalmente diferente e superior à classificação ordenada de experiências diversas. Partindo de um ponto comum e coletivo, a sistematização atende questões cada vez mais complexas e de maior nível de abstração, cujo valor explicativo é mais relevante, onde o que difere contribui tanto ou mais que o semelhante. Num esforço rigoroso e claramente teórico faz análise e síntese, indução e dedução, obtém conclusões e verificações práticas, criando novos conhecimentos que explicam as mudanças que se processam.

A SISTEMATIZAÇÃO COMO DIMENSÃO ÉTICA

A passagem da percepção viva da realidade (aparência externa dos fatos) ao pensamento abstrato não é um ato passivo do extensionista, é necessário um esforço de abstração porque as conexões são invisíveis à percepção dos sentidos. Desta forma intelectualmente, o extensionista pode selecionar o importante do secundário e através da síntese das suas características conceituar, produzir teorias e construir juízos que validarão os fatos ou situações. Contudo, o princípio da refutabilidade nos diz que uma teoria nunca é definitiva nem absoluta, mas uma construção e recriação crítica que o extensionista deve aperfeiçoar na sua prática histórica.

Assim, a sistematização contribui para criar identidade, para que o extensionista se valorize como pessoa, contribuindo para qualificar todas as dimensões da vida consolidando maior coerência sobre o que pensa, diz, sente, quer e faz. Abre espaço, segundo Chauí (2001:117), à uma nova ética, que se destina a transformar a realidade existente centrada na vinculação entre a teoria e a prática. Quer dizer, transforma a *extensão convencional* em uma *extensão educativa* para o *ecodesenvolvimento*, capaz de interpretar seu entorno, as pessoas, suas sensibilidades e afetos, suas esperanças e frustrações, suas crenças e paixões.

Contudo, devemos considerar que o extensionista foi formado em um esquema educativo no qual a vida e o estudo são vistos como duas coisas separadas e não gera nem o hábito e nem o convencimento da importância de estudar a sua própria prática. Transformar em atitude essa motivação implica em romper com os moldes convencionais de

extensão, com a passividade da aprendizagem memorística e da transposição mimética de conhecimento. Com base nisso, entendemos que as agências públicas de pesquisa agrícola e extensão rural devem priorizar a construção de um processo de acumulação, um pensamento coletivo, que une as equipes de trabalho e ao mesmo tempo permita dialogar com outras equipes a partir de uma posição firmada na própria experiência não só em função do rigor científico, mas para construir uma identidade comum entre aqueles que atuam no meio rural orientados ao ecodesenvolvimento.

PARA CONCLUIR

Esta síntese necessariamente se mostra insuficiente para tornar compreensível um processo de sistematização de experiências em animação de processos participativos e educativos para o ecodesenvolvimento. Cientes de tal risco buscamos apenas recolocar em pauta, a necessidade da acumulação histórica das experiências extensionistas orientadas a uma nova ética, no sentido de construir uma espiral de conhecimentos superando a racionalidade funcional que embaçou as lentes culturais nos países do terceiro mundo com o objetivo tácito de facilitar o desenvolvimento rural, com base na revolução conservadora. Em acordo com diz Salazar et al. (2001:34), a sistematização nos auxilia a compreender que a realidade é aquilo que nosso método de observação nos permite perceber. A partir desse entendimento passamos a reconhecer, que nossa visão de mundo molda nossos modelos mentais através dos quais observamos, sistematizamos, interpretamos e aportamos significado a nossas próprias experiências.

BIBLIOGRAFIA

- (1) SIMON, A. A. (1995). **Teoria dos sistemas em microbacias: subsídios teóricos**. Revista Agropecuária. Vol. 8, N^o 2 Junho de 1995. Florianópolis.
- (2) HOLLIDAY, Oscar Jara. (1996). **Para sistematizar experiências**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB.
- (3) CHAUI, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2001. 440p.
- (4) SALAZAR, L. et al. (2001). **La dimensión de participación en la construcción de la sostenibilidad institucional**. Série Inovación para la sostenibilidad Institucional. San José, Costa Rica: ProyectoYSNAR "Nuevo Paradigma".